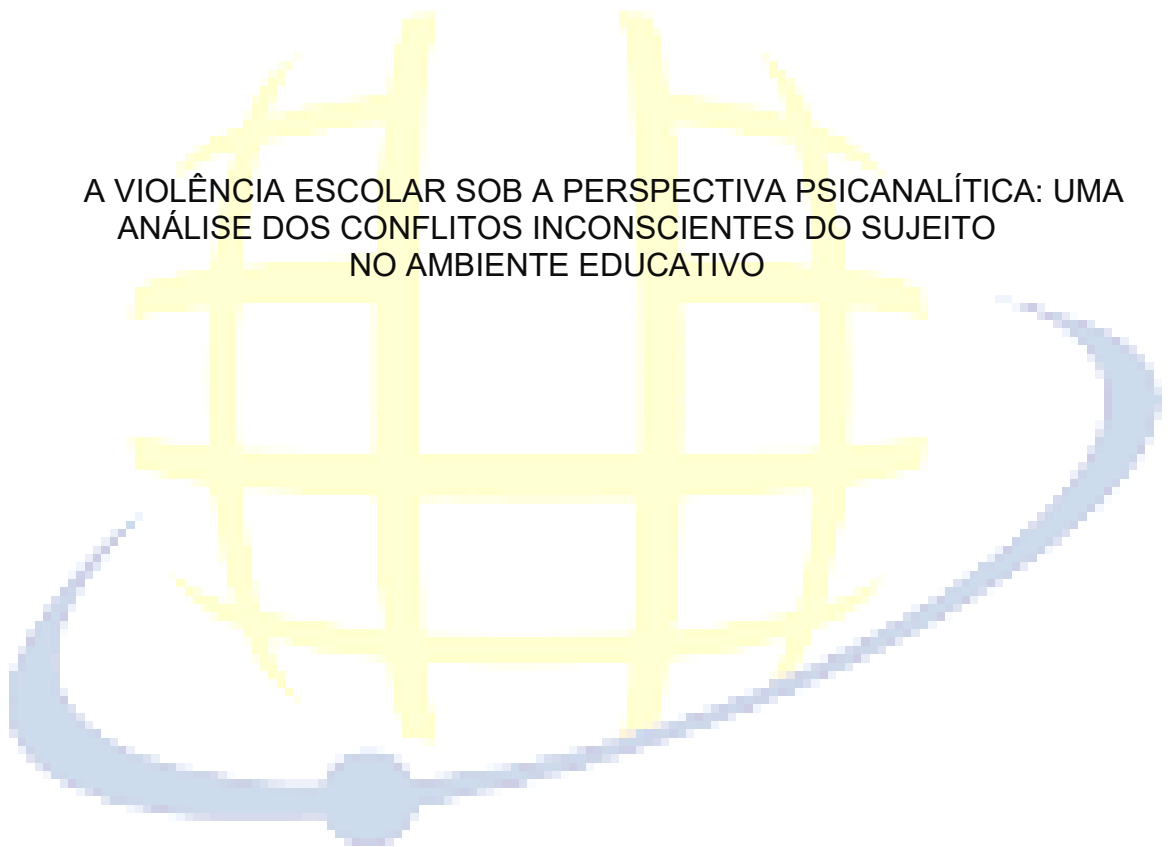


CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER

LÁZARO SANTOS TAVARES

A VIOLÊNCIA ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: UMA
ANÁLISE DOS CONFLITOS INCONSCIENTES DO SUJEITO
NO AMBIENTE EDUCATIVO



TERESINA

2025

LÁZARO SANTOS TAVARES

A VIOLÊNCIA ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: UMA
ANÁLISE DOS CONFLITOS INCONSCIENTES DO SUJEITO
NO AMBIENTE EDUCATIVO

Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da disciplina de TCC Defesa do Curso de Bacharelado em Psicanálise, Setor da Saúde, do Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientadora: Profa. Dra. Isabela Dalle Varela

TERESINA

2025

A Violência Escolar sob a Perspectiva Psicanalítica: Uma Análise dos Conflitos Inconscientes do Sujeito no Ambiente Educativo

Lázaro Santos Tavares

RESUMO

A violência escolar representa um fenômeno multifacetado que transcende o âmbito social, manifestando-se como expressão de conflitos inconscientes do sujeito inserido no contexto educativo. Este artigo analisa, à luz da psicanálise, as raízes psíquicas da agressividade, fundamentando-se em conceitos freudianos como pulsão de morte (Thanatos) e mecanismos de defesa, complementados pelas contribuições lacanianas sobre o estágio do espelho e o Grande Outro. Por meio de uma revisão bibliográfica, explora-se como a violência emerge de tensões internas, projeções e transferências no ambiente escolar. Os dados recentes sobre violência no Brasil, como os 7 milhões de vítimas reportados pelo DataSenado (2023), justificam a necessidade de intervenções baseadas na escuta psicanalítica para promover a sublimação e a cultura de paz. Os resultados apontam para a escola como espaço de manifestação sintomática, propondo estratégias pedagógicas humanizadas. Assim, a Psicanálise atua como instrumental para compreender e ressignificar a violência no espaço escolar.

Palavras-chave: Violência escolar; Psicanálise; Conflitos inconscientes; Pulsões; Escuta psicanalítica.

ABSTRACT

School violence represents a multifaceted phenomenon that transcends the social sphere, manifesting itself as an expression of unconscious conflicts of the subject inserted in the educational context. This article analyzes, in the light of psychoanalysis, the psychic roots of aggressiveness, based on Freudian concepts such as the death drive (Thanatos) and defense mechanisms, complemented by Lacanian contributions on the mirror stage and the Big Other. Through a literature review, it explores how violence emerges from internal tensions, projections, and transfers in the school environment. Recent data on violence in Brazil, such as the 7 million victims reported by DataSenado (2023), justify the need for interventions based on psychoanalytic listening to promote sublimation and a culture of peace. The results point to the school as a space for symptomatic manifestation, proposing humanized pedagogical strategies. Thus psychoanalysis acts as an instrument for understanding violence in the school environment.

Keywords: School violence; Psychoanalysis; Unconscious conflicts; Drives; Psychoanalytic listening.

1 INTRODUÇÃO

A violência na escola é um fenômeno complexo, imbricado de diversos entendimentos e significados que têm marcado o campo educacional, especialmente as instituições escolares, conforme destacam Santos e Rodrigues (2015). Pode-se compreender que as causas para a instauração da violência no espaço educativo são multifacetadas, abrangendo desde fatores individuais, trazidos à escola pelos atores da educação (alunos, professores e funcionários), até fatores coletivos que envolvem o próprio contexto escolar, como falhas nas políticas disciplinares e competição excessiva, assim como aspectos sociais e culturais. Além disso, observa-se que esse fenômeno é agravado por fatores como a extensão da violência, as desigualdades sociais e a naturalização de ações violentas (SANTOS; RODRIGUES, 2015). Diante desse cenário, persegue-se a seguinte questão: Como os conflitos inconscientes do sujeito se manifestam na violência escolar sob a ótica da psicanálise?

De antemão, acentua-se que a temática da violência no seio escolar vem assumindo relevância tamanha a ponto de suscitar intensos debates e pesquisas nos meios acadêmicos. Isso se deve, em grande parte, à constatação de que o segmento infanto-juvenil assume o papel tanto de protagonista quanto de vítima das ações de violência. Estudos de diferentes órgãos e instituições, a exemplo do MEC, das Instituições Federais e Organizações Não-Governamentais (ONG's), têm empreendido esforços no sentido de compreender a amplitude de tal fenômeno e apresentar formas de combate à agressividade no espaço educativo, primando pela reconstrução de uma Cultura de Paz (BRASIL, 2024).

Nesse aspecto, acentua-se o amplo escopo da temática "Violência nas escolas". Destaca-se como delimitação dessa abordagem a exploração do fenômeno a partir do Sujeito e não necessariamente da escola, vista aqui como o espaço onde os sintomas da violência se manifestam. Sob a perspectiva psicanalítica, o que se entende é que, enquanto fenômeno complexo e multifacetado, a violência escolar pode ser abordada como uma expressão das tensões inconscientes que habitam o sujeito (FREUD, 1996a). No centro dessa análise, está o Sujeito imerso em um campo de pulsões, conflitos internos e relações intersubjetivas que se manifestam no ambiente escolar – um espaço que, paradoxalmente, é tanto de formação quanto de confronto.

Freud, em sua clássica obra *Totem e Tabu* (1913/1996a), ao propor a existência de uma dualidade pulsional entre Eros (a força da vida) e Thanatos (a pulsão de morte), oferece um ponto de partida para compreender como a agressividade, inerente ao psiquismo humano, pode se desdobrar em atos de violência. Nessa chave de leitura, o Sujeito da violência escolar não é apenas um agente isolado, mas um espelho das dinâmicas inconscientes que atravessam o social, o familiar e o próprio sistema educacional.

Além disso, a psicanálise também traz contribuições para considerar o papel do Outro – o professor, o colega, a instituição – como figuras que mobilizam identificações, rivalidades e angústias no Sujeito. A escola, vista neste estudo como palco de projeções e transferências, pode se tornar o terreno onde o mal-estar psíquico, muitas vezes recalcado, encontra sua via de escape (FREUD, 1996b). Pode-se inferir, dessa maneira, que a violência escolar emerge não apenas como um sintoma individual, mas como um grito do inconsciente coletivo, demandando uma escuta para além da superfície dos comportamentos observáveis, rumo às profundezas do que não é dito (LACAN, 1985b). É importante notar que a violência que o Sujeito leva à escola muitas vezes tem raízes nas relações primárias, especialmente com os pais, onde um ambiente familiar marcado por negligência, abuso ou falta de limites pode gerar uma carga de raiva e frustração que é deslocada para o contexto escolar (FERENCZI, 1992).

Fundamenta-se, assim, que a psicanálise oferece uma perspectiva propícia ao entendimento do fenômeno da violência em sala de aula, a partir do Sujeito, visto que ela foca nas dinâmicas inconscientes que moldam o comportamento humano (FREUD, 1996d). Para aprofundar essa compreensão, é essencial explorar como esses elementos psíquicos interagem no dia a dia escolar. A pressão por desempenho, a dinâmica de grupo e as relações de autoridade podem ampliar conflitos internos, transformando a escola em um microcosmo da sociedade, onde o inconsciente se revela (LACAN, 1998a). Assim, este artigo busca integrar essas perspectivas teóricas para propor uma visão mais holística da violência escolar.

2 METODOLOGIA

A base teórica desta pesquisa está fundamentalmente ancorada na psicanálise, com ênfase nos conceitos freudianos de pulsão de morte e conflitos

inconscientes, os quais podem ser utilizados para explicar a agressividade como uma resposta à repressão no ambiente escolar (FREUD, 1996c). Complementarmente, utiliza-se a abordagem lacaniana sobre o estágio do espelho (LACAN, 1998a) e o Grande Outro (LACAN, 1985a), instrumentos conceituais que permitem compreender a violência como uma negociação do Sujeito com a ordem simbólica da instituição educacional. Autores como Melanie Klein (KLEIN, 1991b) enriquecem a análise ao abordar a inveja e as fantasias inconscientes como motivadores de atos agressivos, oferecendo um arcabouço robusto para interpretar o fenômeno da violência escolar (KLEIN, 1991a).

Como método de investigação desse estudo elegeu-se a revisão bibliográfica pela possibilidade de se explorar e articular conceitos teóricos fundamentais da psicanálise, aplicando-os à compreensão da violência no contexto escolar, sem a necessidade de coleta de dados empíricos primários (SANTOS; RODRIGUES, 2015).

O procedimento para a coleta de referências foi realizado em duas etapas principais: a primeira aborda os textos clássicos de Sigmund Freud, como *O Mal-Estar na Civilização* (1996b), *Totem e Tabu* (1996a) e *Além do Princípio do Prazer* (1996c), os quais trazem conceitos como a agressividade, as pulsões e os conflitos inconscientes. Soma-se a isso o levantamento das contribuições de autores como Jacques Lacan em *O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1985b) e Melanie Klein com *Inveja e Gratidão* (1991a), para enriquecer a análise com diferentes enfoques sobre o Sujeito e suas relações. A segunda etapa caracterizou a busca por artigos acadêmicos, livros e dissertações que aplicam a psicanálise ao estudo da violência escolar ou temas correlatos, como *bullying*, *acting out* e dinâmicas de grupo. A busca foi realizada em bases de dados como Scielo, Google Scholar e bibliotecas digitais de universidades, utilizando palavras-chave como “violência escolar”, “psicanálise”, “sujeito”, “agressividade” e “inconsciente”, em português, inglês e espanhol, para ampliar o escopo das referências (ABRAMOVAY; RUA, 2002; CODO, 2006).

Por fim, a análise de dados foi feita por meio de eixos temáticos: a origem pulsional da violência; o sujeito e o ambiente educacional; e as dinâmicas intersubjetivas. Tais eixos foram organizados e os conceitos articulados de modo a responder à questão norteadora desse estudo (LACAN, 2003). Para garantir rigor, a análise temática seguiu uma abordagem qualitativa, identificando padrões nos textos

e cruzando-os com dados empíricos de relatórios como o do DataSenado (2023) e Brasil (2024), embora se reitere que o foco permanece essencialmente teórico.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Este tópico apresenta uma revisão bibliográfica, em primeira instância, do panorama da violência escolar no Brasil; e em seguida dos conceitos psicanalíticos que explicam a violência escolar como uma manifestação de conflitos internos do sujeito, trazidos para o ambiente educativo. Por meio das contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan, complementadas por autores como Sándor Ferenczi, Melanie Klein, Donald Winnicott, além de estudos contemporâneos, a seção busca descrever como as pulsões, os conflitos inconscientes e os mecanismos psíquicos moldam comportamentos agressivos na escola (FREUD, 2011b).

3.1 A VIOLÊNCIA ESCOLAR: PANORAMA E DESAFIOS

Para além dos dados de violência comumente citados, o estudo “Escola que Protege: Dados sobre Violências nas Escolas” (BRASIL, 2024), elaborado por equipes técnicas do Ministério da Educação, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revela como principais manifestações da violência nos espaços intraescolares: *bullying*, discriminação, depredação e agressão a professores. Conforme os dados coletados, foram registrados 13.117 vítimas de violência interpessoal nas escolas somente em 2023 (BRASIL, 2024).

Os dados não se restringem aos discentes, alcançando também a violência contra professores. O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), em 2021, expresso no estudo técnico “Escola que protege” (BRASIL, 2024), indica que os professores relataram situações frequentes de violência nas escolas, como *bullying* (46%), discriminação (25,9%), depredação do patrimônio escolar (21,6%) e roubo ou furto (13,7%).

Dentre os fatores que contribuem para o acirramento das práticas dessa violência, o estudo apontou que em 100% dos casos, os agressores eram meninos/homens motivados por discursos de ódio e comunidades *on-line* de violência extrema. Observa-se, nesta análise, que os eventos combinam elementos

como vingança, ideologias extremistas, planejamento detalhado e busca por notoriedade, inspirados por ataques como o de Columbine, nos EUA (BRASIL, 2024).

Somado a esse fator, o estudo apresentou como elemento que favorece a eclosão de violência extrema no espaço escolar a flexibilização das leis quanto à posse de armas, que facilita o acesso do aluno a armas de fogo, acentuando o alcance de atos violentos (DISQUE 100, 2024). Assim, o panorama atual aponta como agravantes da violência no âmbito escolar elementos que estão para além de seus muros: o aumento do extremismo e sua disseminação por meios digitais, os promotores de discriminações variadas, decorrentes da falta de controle e criminalização de discursos e práticas de ódio; a promoção da cultura armamentista e a glorificação da violência; a prevalência de *bullying*, preconceitos e discriminações no ambiente escolar; e a insuficiente formação profissional para lidar com questões como a mediação de conflitos (BRASIL, 2024).

Nesse aspecto, o atual quadro de violência que permeia a escola brasileira não pode ser visto apenas como um fator ambiental, externo ao indivíduo que a pratica ou que a sofre, mas como um desafio que envolve a compreensão de fatores internos que, inconscientemente, moldam o sujeito da violência, seja ela mais ou menos radical (SANTOS; RODRIGUES, 2015). De modo que a psicanálise, diferente de abordagens que enfatizam apenas fatores socioeconômicos, se propõe a explorar as raízes psíquicas da violência, considerando o sujeito em sua complexidade (FREUD, 1996b).

Visto assim, a violência escolar é manifestadora de um sintoma da falha na interação entre o sujeito e o ambiente, denunciando os conteúdos reprimidos no inconsciente, de modo a reafirmar que, quando o Sujeito não encontra meios de elaborar suas angústias, há uma tendência a expressá-las por meio de atos violentos (FREUD, 1996d).

3.2 FUNDAMENTOS PSICANALÍTICOS PARA A COMPREENSÃO DA VIOLÊNCIA

A contextualização da violência escolar no Brasil destaca a necessidade de compreender suas raízes psíquicas. Por essa razão, esta seção descreve os conceitos psicanalíticos que fundamentam a compreensão da violência escolar, com ênfase nas pulsões e nos conflitos inconscientes (FREUD, 1996a). Por meio das

contribuições de Freud e Lacan, busca-se explorar como esses elementos internos do Sujeito se manifestam no ambiente educativo, estruturando a violência como um sintoma de tensões psíquicas, tendo em vista ressaltar as dinâmicas inconscientes do Sujeito em suas relações socioeducativas (LACAN, 1985b).

3.2.1 Pulsão e agressividade

O conceito de pulsão é central na psicanálise e serve aqui para explicar como impulsos internos do Sujeito se manifestam em comportamentos violentos no ambiente escolar. Pode-se observar que as ideias de Freud sobre Eros e Thanatos servem de base para a perspectiva de Lacan sobre a agressividade no Imaginário (LACAN, 1985b), mostrando como esses conceitos elucidam a violência trazida pelo Sujeito.

Sigmund Freud, em *Além do Princípio do Prazer* (1996c), propõe a dualidade entre Eros (vida) e Thanatos (morte). Nessa teoria, Thanatos está associada a comportamentos destrutivos, que podem se voltar contra o próprio Sujeito (pela autodestruição) ou contra o outro (pela agressividade). No ambiente escolar, ações como brigas entre alunos, *bullying* ou vandalismo, e até mesmo posturas desafiadoras, podem ser interpretadas como uma expressão desregulada dessa pulsão, resultante de falhas nos mecanismos de contenção psíquica, que não conseguiram desviar ou sublimar a energia destrutiva (FREUD, 1996c).

Jacques Lacan, em *O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1985b), situa a agressividade no campo do Imaginário, no qual o Sujeito confronta a imagem do outro em busca de reconhecimento. É razoável inferir que esse confronto pode gerar tensões, especialmente em ambientes escolares, onde a busca por reconhecimento ou a rivalidade entre pares frequentemente desencadeia conflitos. Por exemplo, um aluno que humilha outro pode estar projetando suas inseguranças, expressando a pulsão agressiva de maneira descontrolada, uma vez que a constituição do Eu se dá em uma relação de alienação e rivalidade com a imagem do outro (LACAN, 1998a).

Na psicanálise, a agressividade lacaniana e a pulsão de morte freudiana estão intrinsecamente ligadas. Partindo de Freud, Lacan afirma ser a pulsão de morte um componente essencial da agressividade. No entanto, diferente do médico austríaco, para quem a agressividade é vista sob um viés biológico e, portanto, uma

forma de aliviar a tensão interna causada pela pulsão de morte, Lacan a toma como estrutura narcísica do sujeito e da linguagem (LACAN, 2003). Ou seja, Freud concebe a agressividade como uma energia que busca a descarga e a destruição. Já Lacan aponta a agressividade como elemento crucial à constituição do sujeito, manifestando-se (e precisando fazê-lo) na relação com o Outro, seja em forma de rivalidade, disputa ou identificação alienante (LACAN, 1985a).

Num e noutro pensamento, o espaço escolar é visto como espaço de descarga de violências não simbolizadas. As pulsões, como base da violência em Freud e Lacan, evidenciam a tese de que os comportamentos agressivos têm origem nos conflitos internos do sujeito (FREUD, 2011a). Klein (1991a) complementa essa visão ao discutir a inveja como uma forma primitiva de agressividade pulsional, onde o sujeito, incapaz de tolerar o bem no outro, ataca o objeto bom.

3.2.2 Conflitos inconscientes e mecanismos de defesa

Os conflitos inconscientes e os mecanismos de defesa, conforme apresentados por Freud, estão na raiz da violência escolar, complementados pela visão de Lacan sobre o Imaginário e o Grande Outro, com ênfase nos mecanismos que modulam esses conflitos no ambiente educativo (FREUD, 1996d). Conforme se observa, a psicanálise, com a ênfase dada nos processos inconscientes, desejos e traumas reprimidos, oferece uma compreensão profunda de como a violência emerge e pode ser transformada.

Freud, em *O Inconsciente* (1996d), explica que o inconsciente armazena desejos, traumas e conflitos reprimidos, que podem se manifestar em atos impulsivos, como a violência. Os apontamentos freudianos em *O Mal-Estar na Civilização* (1996b) destacam a repressão como o processo pelo qual pensamentos, sentimentos e memórias dolorosas ou inaceitáveis são empurrados para o inconsciente. Embora este mecanismo vise a manutenção de um bem-estar social, ele também pode gerar o acúmulo de tensões e o consequente surgimento de patologias. O Pai da Psicanálise sugere que "os conteúdos reprimidos no inconsciente buscam uma via de expressão, frequentemente, em atos que o sujeito não controla conscientemente" (FREUD, 1996b).

A sublimação, por outro lado, caracteriza o processo pelo qual o sujeito, ao invés de reprimir impulsos e desejos inaceitáveis, os canaliza em ações produtivas e criativas, reduzindo o impacto das tensões. Nesta perspectiva, este mecanismo de defesa constitui-se crucial para transformar pulsões destrutivas em comportamentos socialmente aceitáveis, canalizando a energia pulsional para atividades como a arte, o esporte ou o trabalho intelectual (FREUD, 1996b). Por esse olhar, é possível afirmar que, nas escolas, a ausência de oportunidades para a sublimação pode intensificar a violência. Por exemplo, a falta de atividades extracurriculares pode levar os alunos a expressarem suas pulsões de forma destrutiva, como em atos de vandalismo ou agressão (CODO, 2006).

Outros mecanismos de defesa relevantes são a projeção e a identificação. Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (2011a), a projeção é um movimento de dentro para fora, que ocorre quando o sujeito atribui sentimentos próprios inaceitáveis à outra pessoa, resultando em atos violentos que podem, inclusive, ser justificados pelo agressor. Nesse aspecto, a projeção favorece a consolidação de um ambiente escolar hostil em que os diferentes atores se atacam e se defendem, dificultando uma comunicação efetiva e justificando uma cultura de violência (FREUD, 2011b).

Em um movimento contrário, de fora para dentro, a identificação adota comportamentos e sentimentos de outro como sendo dele próprio. Freud (2011a) descreve a identificação em termos ambivalentes, pois ela pode se tornar uma expressão de ternura e afeto positivo, assim como pode se tornar um desejo de eliminação do objeto. Apesar dessa complexidade, pode-se compreender que a identificação torna-se fundamental para a coesão social e a formação da identidade individual (LACAN, 1998a).

Lacan complementa essa perspectiva freudiana ao discutir o Estádio do Espelho em *Escritos*, no qual descreve a formação do eu por meio da identificação com a imagem do outro, gerando tensões que podem levar à agressividade (LACAN, 1998a). Ele destaca a ideia de que o sujeito é constituído em sua relação com o Grande Outro (a instituição ou figuras de autoridade) e que há uma relação de dependência entre o eu e o outro, na qual o sujeito só se identifica no reconhecimento do outro (LACAN, 1985a). No contexto escolar, a busca pelo reconhecimento do Grande Outro pode desencadear conflitos quando o aluno se sente desvalorizado, recorrendo ao *bullying* para afirmar sua posição.

3.2.3 Transferência e dinâmicas inconscientes

A transferência é um conceito psicanalítico que se refere ao processo pelo qual um sujeito "transfere" atitudes, relações ou sentimentos vivenciados com figuras importantes (em geral de autoridade) para outra pessoa de convivência atual. É neste contexto que esse processo é gerado em meio à ambivalência amor-ódio, pela qual ocorrem oscilações sentimentais – admiração e raiva, por exemplo – que contribuem para o aparecimento de comportamentos contraditórios, ora cooperativos, ora desafiadores (FREUD, 1996c; 2011b).

Soma-se a essa questão o acting out transferencial, pelo qual o sujeito "encena" os próprios conflitos em relação ao objeto da transferência ao invés de expressá-los por palavras. É evidente que essa dramatização do conflito pode ser desafiadora aos profissionais da educação que, em geral, não estão potencializados a lidar e interpretar os sentimentos inconscientes (LACAN, 1985b).

Para Jacques Lacan, o professor pode ser idealizado como o “sujeito suposto saber” (LACAN, 1985b), mas também odiado quando frustra as expectativas do aluno. O autor sugere que essa ambivalência pulsional – amor e ódio – pode levar a atos violentos, como desafios à autoridade ou vandalismo, quando o aluno não consegue elaborar a tensão transferencial (LACAN, 2003).

Esses processos transferenciais são ambivalentes. Assim como um aluno pode transferir sentimentos negativos (raiva e agressividade) manifestando resistência à figura de autoridade, também pode fazê-lo positivamente, transferindo afeto e confiança, como forma inconsciente do desejo de aprovação e segurança (FREUD, 1996d). Pode-se entender que a ambivalência na transferência constitui um desafio aos educadores, mas também uma oportunidade de auxílio ao aluno a fim de que ele possa construir maior consciência de si, dos próprios sentimentos e de seus padrões de relacionamentos (WINNICOTT, 1975). Ferenczi (1992) adiciona que a confusão de linguagens entre o adulto e a criança pode intensificar essas transferências, levando a ciclos de violência.

3.3 O SUJEITO E O AMBIENTE ESCOLAR: INTERAÇÕES INCONSCIENTES

O sujeito em interação com o ambiente escolar é influenciado por uma complexa rede de projeções e tensões inconscientes que se manifestam na cultura

escolar e nas regras que regem o espaço educativo (FREUD, 1996b). Neste cenário, percebe-se que conceitos como os dantes abordados – ambivalência, *acting out*, projeção pulsional, Sujeito suposto Saber – se entrelaçam de forma dinâmica a partir dessa dinâmica educacional (LACAN, 1985a).

O próprio espaço escolar, que valoriza a competição e o individualismo – mediante adoção de avaliação por notas, *rankings* e meritocracia – constrói um ambiente de pressão e estresse que favorece o surgimento de comportamentos violentos (SANTOS; RODRIGUES, 2015). Ademais, a escola é regida por normas e regras, as quais são, em muitos casos, percebidas como rígidas e opressivas, levando a uma sensação de confinamento, frustração e, conseqüentemente, à manifestação de agressividades (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

Nesse contexto, é fundamental pontuar como as dinâmicas inconscientes e as estruturas de poder no interior da escola podem contribuir para o comportamento de alunos e professores. A autoridade exercida pelos professores, em muitos casos, é vista pelos alunos como controle, levando-os a uma relação de submissão ou rebeldia. O contraditório está, exatamente, no desejo de aprovação que aparece ligado ao ressentimento ou à resistência frente ao não desejado. É o caso de um aluno que apresenta um trabalho buscando elogios, e se ressentido quando o professor sugere alterações (FREUD, 2011a). Se a essa dinâmica for somada à cultura escolar de valorização do mérito, esse aluno afetado pela ambivalência – amor e ódio – encontra ainda na projeção pulsional outro elemento de vazão da agressividade, atribuindo a outros os próprios impulsos, desejos e sentimento de frustração. Esta é uma dinâmica perigosa, pois essa projeção não apenas distorce a percepção da realidade, mas também cria mal-entendidos e conflitos, prejudicando a qualidade das interações e a eficácia do processo educacional (LACAN, 1998a).

3.4 PSICANÁLISE E MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA ESCOLA

Diante do quadro de violência no contexto escolar, a escuta psicanalítica pode ser um recurso valioso para ajudar os alunos a elaborarem os conflitos inconscientes que podem estar afetando seu desempenho acadêmico e suas relações interacionais (FREUD, 1996d). Isso porque, ao promover a elaboração dos mecanismos psíquicos, a escuta psicanalítica contribui para mitigar a violência,

criando espaços onde o sujeito possa expressar suas angústias de forma simbólica (LACAN, 1985b).

Em *O Mal-Estar na Civilização* (1996b), Freud descreve a sublimação como o processo de redirecionar a energia pulsional para atividades como a arte, o esporte ou o trabalho intelectual. O pensamento de Codo (2006), em *Educação: Carinho e Trabalho*, vem corroborar essa perspectiva ao argumentar que escolas que investem em projetos culturais e esportivos apresentam menores índices de violência, pois oferecem vias para a sublimação. Nessa linha de raciocínio, a psicanálise propõe que o ambiente escolar deve funcionar como um espaço de contenção e transformação das pulsões, promovendo a integração social e emocional dos alunos (WINNICOTT, 1975).

Sándor Ferenczi (1992) oferece uma perspectiva complementar, sugerindo que a violência pode ser resposta a experiências de desamparo ou humilhação, decorrentes de uma diferença fundamental nas formas de expressão e necessidades emocionais do adulto e da criança em situação comunicativa – a “confusão de linguagens”. No ambiente escolar, esta ideia se aplica a situações em que alunos, ao se sentirem marginalizados, assumem comportamentos violentos como tentativa de restaurar o equilíbrio psíquico, o que pode levar à submissão automática à vontade do agressor e à identificação total com ele, instalando no psiquismo a figura do agressor como superego sádico (FERENCZI, 1992).

Donald Winnicott, por sua vez, em *O Brincar e a Realidade* (1975), enfatiza a importância de um espaço transicional onde o sujeito deve sentir-se acolhido para expressar as emoções sem medo de julgamento. É fundamental que na escola esse espaço intermediário entre o real e o subjetivo seja mantido, pois instrumentaliza a criança e o adolescente com experiências ricas, construindo a base para o desenvolvimento da fantasia, imaginação e criatividade (WINNICOTT, 1975). Neste contexto, o professor deve atuar como facilitador de uma interação criativa, explorando e ampliando o espaço potencial do aluno.

Ao combinar esses conceitos, entende-se que a escuta psicanalítica pode ajudar a criar um espaço seguro a fim de que os indivíduos possam explorar e elaborar seus impulsos violentos, promovendo assim a sublimação e a integração do ego, e reduzindo a tendência à violência (KLEIN, 1991a). A escuta psicanalítica pode ser implementada por meio de práticas como aulas de arte e criação de jogos esportivos que possibilitem aos alunos direcionar suas energias de forma

competitiva e saudável. Ademais, atividades como rodas de conversa e mediação de conflitos atuam como espaços transicionais, em que os alunos podem verbalizar suas angústias e serem ouvidos de forma respeitosa, facilitando a sublimação da agressividade de forma criativa (WINNICOTT, 1975).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou como finalidade fazer uma análise do fenômeno da violência escolar sob o enfoque da psicanálise, apontando-a como palco de manifestações psíquicas inconscientes do sujeito em interação com o meio educativo, deixando de considerá-la somente como fenômeno social (FREUD, 1996a).

Nesse intento, o estudo revelou que a violência e a agressividade no contexto escolar não têm a escola como sua causa primária, embora esta atue como espaço onde emerge a violência arraigada nas camadas profundas do inconsciente. Em outras palavras, esse fenômeno está ligado a pulsões (Thanatos), transferências e dinâmicas intersubjetivas que refletem a luta interna do sujeito para regular seus impulsos (LACAN, 1985b).

Desse modo, pode-se concluir que compreender o fenômeno da violência na escola demanda estender o olhar para fatores além da superfície, atingindo os processos inconscientes, tais como transferência e projeção, que agravam ou atenuam o mal-estar do sujeito. A psicanálise, ao oferecer os conceitos de sublimação e a importância do espaço transicional (Winnicott), sugere caminhos não apenas de repressão, mas de elaboração e transformação das pulsões destrutivas em energias criativas e socialmente aceitáveis.

A contribuição deste artigo aponta para o fato de a psicanálise permitir a compreensão do fenômeno violência escolar como sintoma de um mal-estar que ultrapassa o individual e revela as falhas no laço simbólico entre sujeito e instituição. Com base neste entendimento, torna-se necessária a implantação de estratégias de combate à violência escolar por meio tanto de uma escuta qualificada, quanto da organização de espaços de simbolização que permitam ao sujeito elaborar conflitos internos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação; Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Escola que Protege: Dados sobre Violências nas Escolas**. Brasília: MEC, MDHC, FBSP, 2024. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-que-protege/BOLETIMdadosobreviolenciasnasescolas.pdf>. Acesso em: 11 de Julho de 2025.

CODO, W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

DISQUE 100. (2024). Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Ódio ou Opinião: Violência em ambiente escolar: entenda os impactos da disseminação do ódio nas salas de aula**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/novembro/violencia-em-ambiente-escolar-entenda-os-impactos-da-disseminacao-do-odio-nas-salas-de-aula>. Acesso em: 23 mar. 2025.

FERENCZI, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. (A. Cabral, Trad.). In: **Psicanálise IV** (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).

FREUD, S. Totem e Tabu. In: **Totem e Tabu e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930). 1996b.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920), 1996c.

FREUD, S. O inconsciente. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915) 1996d.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise o eu e outros textos** (1920-1923) / tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12**. Rio de Janeiro: Imago, 1913/2011b.

KLEIN, M. Inveja e gratidão. In: **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946/1963). Obras completas e Melanie Klein (v. 3, pp. 205-267). Imago. (Trabalho original publicado em 1957) 1991a.

KLEIN, M. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). Obras completas de Melanie Klein (v. 3, pp. 290-297). Imago. (Trabalho original publicado em 1959), 1991b.

LACAN, J. (2003). **Outros escritos** (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2001).

LACAN, J. **O seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-55). Zahar Editora. 1985a.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, p. 96-103, 1998a.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, p.807-842, 1998b.

LACAN, J. **O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. livro 11(1964). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985b.

SENADO FEDERAL. Pesquisa do DataSenado revela que quase 7 milhões de estudantes sofreram violência na escola. **Senado Federal, 2023**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticia/2023/07/04/pesquisa-do-datasenado-revela-que-quase-7-milhoes-de-estudantes-sofreram-violencia-na-escola>>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SANTOS, J. M. C. T.; RODRIGUES, M. K. S. Violência na escola: sentidos no contexto da prática. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v. 20, n. 2, p. 187-213. 2015. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/1020/803>. Acesso em: 23 mar. 2025.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975 [1971].